

Verbal answers as a cue to the interpretation of belief reports/ Respostas verbais como pista para a interpretação de relatos de crença

Alice JESUS and Ana Lúcia SANTOS

Vários estudos mostram que as crianças têm dificuldade em interpretar relatos de crença como (1) (e.g. Dudley et al. 2015; Hacquard 2014; Lewis et al. 2017; Yang et al. 2021). Neste tipo de frases (da forma *x thinks p*), a semântica do verbo de crença *think* leva a que a proposição *p* seja avaliada em relação ao conjunto de crenças do *attitude holder* (*x*) e não em relação ao mundo real: i.e., desde que *p* seja verdade para *x*, a frase é verdadeira, ainda que *p* possa ser falsa no mundo real. Crianças de até 4 e 5 anos, no entanto, tendem a cometer erros ‘baseados na realidade’ quando interpretam estas frases, julgando-as apenas com base no valor de verdade de *p* (no mundo real). Contrariamente à ideia de que tais erros podem advir de dificuldades cognitivas, sintáticas ou semânticas, tem-se somado evidência a favor da Hipótese de Déficit Pragmático (HDP) (Lewis et al. 2017; Hacquard e Lidz 2018). Note-se que, em contextos específicos, estes enunciados podem ser interpretados como asserções indiretas (2), em vez de verdadeiros relatos de crença. Em (2), a resposta de Paul é apenas apropriada se se tomar como contribuição principal o conteúdo de *p* (o paradeiro de John), e não as crenças de *x*. Em tais contextos, pode considerar-se que o falante opta por asserir indiretamente *p*, recorrendo ao estado de crença de *x*, que considera fidedigno. De acordo com a HDP, as crianças generalizam a interpretação de asserção indireta aos enunciados com verbos de crença (avaliando apenas a verdade de *p*) porque tendem a subestimar a relevância da crença no contexto discursivo. Lewis et al. (2017) testaram a interpretação de relatos de crença por crianças de 4 anos em diferentes contextos, manipulando a relevância da crença, e mostraram que, nos contextos em que esta é mais saliente (especificamente, quando estados de crença de diferentes indivíduos são contrastados), as crianças cometem menos erros ‘baseados na realidade’, o que é consistente com a HDP.

No presente trabalho, pretendemos contribuir para a discussão com dados de uma língua românica como o português europeu (PE), na qual a semântica dos verbos de crença interage com o sistema do modo verbal. Em PE, um grande conjunto de verbos de crença (como *pensar* e *acreditar*) admite ambos os modos indicativo e conjuntivo no seu complemento (3), sendo o conjuntivo selecionado, em traços gerais, quando o falante ou o sujeito expressam um menor grau de crença (ou de comprometimento com a verdade de *p*) (Marques 2009). Assim, em PE, embora estas estruturas também possam ser utilizadas no contexto de asserções indiretas (4a), tal

é admitido apenas quando é selecionado o indicativo, e não o conjuntivo (4b). Por este motivo, pode colocar-se a hipótese de que, em PE, o conjuntivo é, por si só, pista morfosintática para a interpretação destas estruturas como verdadeiros relatos de crença. Neste sentido, se as crianças forem sensíveis às condições semântico-pragmáticas que regem a seleção do modo, o conjuntivo pode destacar a relevância da crença no contexto e bloquear interpretações de asserção indireta.

Neste estudo, procuramos validar a HDP para o PE através de uma metodologia alternativa, que consiste na provocação de respostas verbais (enquanto reações confirmativas a enunciados com verbos de crença), como em (5). Veja-se que, num contexto em que tanto a frase (5a) como a proposição encaixada (*p*) são verdadeiras, ambas as respostas 5b e 5c são admissíveis. No entanto, a escolha de um ou outro verbo parece refletir aquilo que o falante toma como informação mais relevante ('main point') do enunciado 5a: 5b, retomando o verbo mais alto, parece ser compatível com a leitura de relato de crença, enquanto 5c, retomando o verbo mais baixo, é compatível com a leitura de asserção indireta de *p*. Dados da produção espontânea mostram que as crianças portuguesas tendem a responder com o verbo mais baixo a interrogativas globais com *achar* (6a), numa altura em que já selecionam categoricamente o verbo mais alto na resposta a interrogativas com *querer* (6b) (Santos 2009). Este comportamento está em linha com a HDP, sugerindo que as crianças tomam como relevante apenas o conteúdo de *p* quando o verbo matriz expressa crença. O desenho experimental contempla ainda o modo da oração completiva como fator entre-sujeitos. Com o indicativo, são testados os verbos de crença *achar*, *pensar* e *acreditar*, e o verbo *sonhar* (como condição de controlo, em que se esperam apenas respostas com o verbo mais alto). Com o conjuntivo, são testados os verbos de crença *pensar* e *acreditar* e, como condição de controlo, o verbo *querer*. Neste momento, está em curso a recolha de dados de cerca de 40 crianças, entre os 4 e os 6 anos, e de 40 adultos, que constituirão o grupo de controlo. Os dados permitirão avaliar se (i) as crianças, de um modo geral, dão mais respostas com o verbo mais baixo do que os adultos, (ii) o indicativo favorece respostas com o verbo mais baixo, ao contrário do conjuntivo, e (iii) há diferenças entre verbos.

Por último, estes dados poderão ainda contribuir para aprofundar o conhecimento do processo de aquisição do modo. Embora estudos anteriores, de produção, tenham mostrado que as crianças tendem a evitar o conjuntivo com verbos de crença (Dracos et al. 2019, Jesus et al. 2019), pouco se sabe ainda acerca da compreensão dos contrastes de modo nestes contextos.

Exemplos

- (1) Mary thinks John is out of town.
(2) Ana: Where is John?
Paul: Mary thinks John is out of town
- (3) a. A Maria pensa que o João está.^{IND} em casa.
b. A Maria pensa que o João esteja.^{CONJ} em casa.
- (4) Ana: Onde está o João?
Paulo: a. A Maria pensa/acha que o João está em casa.
b. */?? A Maria pensa que o João esteja em casa.
- (5) a. A: O Mickey acha que o Donald está atrás da casota do cão.
b. B: Pois acha.
c. B: Pois está.
- (6) a. MJF: achas que ela já está a dormir?
INI: (es)tá. [Inês 2;2.1]
- b. MAE: +> queres andar no cavalinho?
INM: qué [: quero]. [Inês M. 1;5.9] (Santos 2009, p. 145)

Referências:

- Dracos, M., P. Requena e K. Miller (2019). Acquisition of mood selection in Spanish-speaking children. *Language Acquisition* 26(1), 106-118.
- Dudley, R., N. Orita, V. Hacquard e J. Lidz (2015). Three year olds' understanding of know and think. In F. Schwarz (ed.) *Experimental Perspectives on Presuppositions. Studies in Theoretical Psycholinguistics Series*, volume 45. Springer International Publishing, 241-262.
- Hacquard, V. (2014). Bootstrapping attitudes. In T. Snider (ed.) *Proceedings of SALT 24*, 330-352.
- Hacquard, V. e J. Lidz (2018). Children's attitude problems: Bootstrapping verb meaning from syntax and pragmatics. *Mind and Language*, 1-24.

Jesus, A., Marques, R., e Santos, A. L. (2019). Semantic features in the acquisition of mood in European Portuguese. *Language Acquisition* 26(3). <http://doi.org/DOL:10.1080/10489223.2019.1570203>

Lewis, S., V. Hacquard e J. Lidz (2017). 'Think' pragmatically: children's interpretation of belief reports. *Language, Learning and Development* 13. 395–417. 10.1080/15475441.2017.1296768

Marques, R. (2009). On the selection of mood in complement clauses. In L. Hogeweg, H. de Hoop & A. Malchukov (eds.), *Cross-Linguistic Semantics of Tense, Aspect, and Modality*, 179-204. John Benjamins.

Santos, A. L. (2009). *Minimal Answers. Ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins.

Yang, Y., V.Hacquard, e J. Lidz (2021). Acquisition of belief reports by Mandarin speaking children. In *Proceedings of BUCLD 45*.